

O uso do travessão como recurso de estilo no discurso jornalístico

Daniela Silva de Bittencourt¹
Vera Helena Dentee de Mello²

Resumo

Para atingir o objetivo de comunicar e reportar os acontecimentos vividos pela sociedade, o jornalismo lança mão de modelos de produção pré-estabelecidos. No modelo informativo, que norteia quase que em sua totalidade, a prática do jornalismo brasileiro, a linguagem adotada pelos veículos de comunicação – e pelo repórter – possui padrões rígidos. Há, porém, um movimento de estímulo, partindo de estudiosos e profissionais da área, à apropriação da linguagem pelos repórteres. Marcado pelo jornalismo literário, esse movimento incentiva o uso de recursos da narrativa literária nos textos jornalísticos, com o objetivo de levar à produção o estilo de escrita do jornalista autor. Este artigo analisa exemplos desse uso, com foco na pontuação – mais precisamente no travessão – como recurso estilístico. Para isso, vale-se, como objeto de estudo, de reportagens escritas pela jornalista Eliane Brum e publicadas no livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, destacando e examinando trechos em que o uso do travessão colabora como marca de um estilo característico da autora. A base teórica que sustenta a análise constitui-se de estudos linguísticos tradicionais e de uma obra que trata da pontuação como recurso estilístico. A análise permite afirmar que, por meio de travessões, o enunciador inscreve-se em seu texto, revelando sua visão de mundo e, com isso, produzindo sentidos.

Palavras-chave: Travessão. Jornalismo. Estilo. Efeitos de sentido.

Abstract

In order to communicate and report the events experienced by society, journalism uses pre-established models of production. In the informative model, that guides most of the practice of Brazilian journalism, the language adopted by the media – and the reporter – has strict patterns of speech. There is, however, a movement proposed by researchers and professionals in this area that stimulates the appropriation of language by reporters.

¹ Jornalista especializada em jornalismo literário, acadêmica do curso de Especialização em Revisão e Avaliação de Textos das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat) - Taquara/RS. danisbittencourt@gmail.com

² Orientadora. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) - São Leopoldo/RS e das Faculdades Integradas de Taquara (Faccat) – Taquara/RS. verahdm@unisinos.br.

Marked by literary journalism, this movement encourages the use of resources of literary narrative in journalistic texts, with the aim of bringing to production the writing style of the journalist author. This article examines examples of this usage, focusing on the punctuation – more precisely the dash – as a stylistic tool. For that, this paper surveys texts written by journalist Eliane Brum and published in the book O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real, highlighting and examining sections where the use of the dash collaborates as a mark of the distinctive style of the author. The theoretical basis of this analysis is based on traditional linguistic studies and, secondly, on a work that takes punctuation as a stylistic resource. The analysis makes it possible to say that, through the dashes, the enunciator inserts himself in his text, revealing his vision of the world and, consequently, producing senses.

Keywords: Dash. Journalism. Style. Effects of Sense.

1 Introdução

Dentre as diversas práticas de comunicação existentes entre os homens, o jornalismo é aquela que se caracteriza por, em relação aos acontecimentos, reportá-los de forma oficial.

É por meio do jornalismo que se reconstruem, repercutidos no momento, os fatos e movimentos sociais da atualidade. Há, porém, diferentes modelos a serem adotados para nortear os profissionais do jornalismo em sua prática, cada qual com suas características e seus resultados. Dos modelos existentes, o chamado jornalismo informativo é o que mais se destaca, sendo referência quase unânime para o fazer jornalístico. É nesse modelo que os profissionais se baseiam para transmitir a informação de forma rápida e mais concisa possível, na tentativa de acompanhar a agilidade dos acontecimentos e reportá-los com tal velocidade.

A fim de dar conta da celeridade dos fatos, o jornalismo informativo mantém características rígidas, que padronizam não somente os modos de produção da notícia como também sua forma. A informação chega ao leitor (no caso dos veículos impressos ou da internet), ao ouvinte (rádio) e ao telespectador (televisão) pré-moldada, obedecendo a normas fixas de linguagem.

Embora venha atingindo o objetivo de informar à sociedade, esse modelo vigente de jornalismo começou a ser questionado por pesquisadores, acadêmicos e profissionais da área. Há, de acordo com aqueles que defendem um reposicionamento do jornalismo frente à atualidade, uma mecanização, conforme a definição de Vicchiatti (2005), da prática e da profissão, presente desde a apuração dos acontecimentos e refletida, principalmente, na linguagem entregue aos consumidores da notícia. Essa mecanização tornaria o jornalismo superficial e o afastaria da sua função social.

Uma das iniciativas eficazes para recuperar o potencial e a vocação do jornalismo como instrumento leitor da realidade, segundo Vicchiatti (2005), seria a disseminação de outros modelos existentes, tão sólidos quanto o jornalismo informativo, porém menos estimulados pelo mercado e pela academia.

Destaca-se, aqui, o jornalismo literário³ como caminho para a retomada de uma prática jornalística humanizada. Com a intenção de oferecer ao leitor, além da informação, a experiência dos acontecimentos, o jornalismo literário, entre outras características, vale-se de elementos da linguagem literária, demonstrando uma preocupação estética com a escrita. Descarta, dessa forma, a padronização presente no jornalismo informativo, incentivando o repórter a fazer escolhas conscientes para uma comunicação mais completa com o interlocutor (leitor, telespectador ou ouvinte). Ao jornalista, então, é permitido exercer um estilo próprio ao escrever (respeitando, é claro, as normas da variedade linguística culta), ao contrário da escrita padrão defendida pelo jornalismo informativo. Para que tais escolhas atinjam o objetivo de levar ao alocutário a contextualização dos acontecimentos, colaborando para a construção da sua experiência no mundo – uma das funções do jornalismo como instrumento leitor da realidade –, é preciso que o jornalista tenha conhecimento aprofundado da língua portuguesa e dos sentidos produzidos por suas escolhas no ato da escrita. O estilo do repórter será, então, resultado da soma de sua visão sobre o acontecimento a ser reportado, de suas experiências de vida, de sua bagagem cultural e de seu conhecimento da língua, entre outros fatores.

No momento atual do jornalismo brasileiro, a repórter Eliane Brum tem se mostrado um dos expoentes do uso do jornalismo literário como diretriz e como recurso. Repórter desde 1988, Brum atuou em veículos de comunicação reconhecidos, como o jornal *Zero Hora*, a revista *Época* e, atualmente, o jornal *El País*, para o qual assina artigos de opinião. Detentora de mais de quarenta prêmios, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Ethos e Sociedade Interamericana de Imprensa, ela publicou livros que são referências em reportagem e em jornalismo, a exemplo de *A vida que ninguém vê* e *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Em mais de vinte anos de profissão, a repórter desenvolveu um estilo de escrita próprio, marcado pela sensibilidade e pela humanização de seus personagens. Tal estilo revela, em suas reportagens, escolhas conscientes em relação ao uso de recursos estilísticos (como figuras de linguagem), além da aplicação da pontuação adequada. Essa consciência é explicada pela autora:

As palavras para mim obedecem a uma composição imaginária, seguem uma melodia, eu tento arranjos diferentes. Fico atenta para não usar os truques melódicos de sempre, me desafio, faço repentes comigo mesma. E, quando alguém mexe no meu texto, eu ouço e ele desafina. E dói no ouvido. As pessoas se surpreendem porque eu percebo de imediato uma vírgula colocada por outro. É porque muda o ritmo, a vírgula entra como um si bemol fora de hora, atravessando o samba, bolero ou (pretensão e água benta são de graça) a minha sinfonia. As palavras que escolho não são qualquer nota. E não, não me acho Mozart, mas esse é o jeito que eu gosto de tocar a música da minha vida (BRUM, 2008, p. 128).

Reconhecendo a importância do uso dos recursos gramaticais para a criação de

³ “Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. [...] É um fenômeno universal, embora tenha se consolidado melhor nos Estados Unidos. No Brasil, foram precursores Euclides da Cunha e João do Rio. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção” (LIMA, 2013).

um estilo próprio no texto jornalístico, propomo-nos, neste artigo, a analisar os efeitos de sentido promovidos pela escolha da pontuação, mais precisamente do travessão, empregado recorrentemente nos textos da jornalista Eliane Brum. Como objetos de análise, a escolha de textos dessa autora justifica-se pela já mencionada relevância da repórter no meio jornalístico. Optamos por analisar o uso do travessão, uma vez que esse sinal de pontuação tem como uma de suas funções marcar a melodia e a entonação do texto, segundo Cunha e Cintra (2008), além de “lançar o texto para debaixo dos refletores”, conforme afirma Noah Lukeman (2011, p. 99).

Constituem o *corpus* da análise reportagens escritas pela repórter e veiculadas na revista *Época*, posteriormente reunidas no livro *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. As gramáticas tradicionais que constituem nosso referencial teórico são *Moderna gramática portuguesa* (2009), de Evanildo Bechara, *Nova gramática do português contemporâneo* (2008), de Celso Cunha e Lindley Cintra, e *Novíssima gramática da língua portuguesa* (2005), de Domingos Paschoal Cegalla. Valemo-nos, também, da obra *A arte da pontuação* (2011), escrita pelo agente literário americano Noah Lukeman. Analisamos dez reportagens contidas em *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*, destacando trechos em que o uso do travessão marca o estilo de escrita da repórter, em cujos textos emerge sua visão de mundo, com vistas à produção de determinados efeitos de sentido.

2 Conhecendo a linguagem jornalística

Historicamente, há traços do surgimento do Jornalismo já no início do século XVII. De acordo com Lage (2003), os primeiros jornais teriam circulado na Europa a partir de 1609, a fim de disseminar as ideias burguesas. Desde então, o fazer jornalístico passou por mudanças, acompanhando a evolução e a modernização das sociedades.

Atualmente, ainda prevalece, especialmente no Brasil, o modelo de jornalismo informativo, consolidado no País desde a década de 80. Esse modelo – uma herança do jornalismo norte-americano – traz consigo resquícios históricos, que moldam seu modo de fazer. O processo de urbanização da sociedade americana e a Segunda Guerra, por exemplo, foram fatores determinantes na forma de pensar e fazer jornalismo:

Com sua visão de jornalismo como negócio e para atingir um público mais amplo, a imprensa americana começou a adotar padrões de objetividade e de linguagem. A finalidade era atingir o máximo de leitores com formações diferentes e graus de instrução díspares. Essa visão empresarial acabou reforçando o padrão jornalístico baseado na pirâmide invertida⁴, tão largamente difundido no Brasil (BELO, 2006, p. 24).

No Brasil, esse modelo foi marcado pelo lançamento, em 1984, do Projeto Folha, um conjunto de medidas elaboradas pelo Grupo Folha a fim de profissionalizar sua redação e implantar uma nova política editorial. Entre outras ações, o projeto sistematizou

⁴ Modelo pelo qual o repórter ordena as informações, na matéria, de acordo com sua relevância. A pirâmide invertida orienta começar o texto apresentando as informações fundamentais (*lead*: o que, quando, quem, como, onde e por que) nos primeiros parágrafos do texto, seguindo com as informações complementares.

normas de escrita e conduta, reunidas no *Manual de redação* – até hoje uma referência no jornalismo brasileiro –, resultando em um jornalismo sem autoria, isto é, que não deixasse transparecer no texto o estilo do autor.

Tal modelo, pasteurizado e impessoal, segundo alguns estudiosos do jornalismo, começou a ser questionado por acadêmicos, pesquisadores e profissionais da prática. De acordo com esse grupo, o jornalismo padronizado estaria deixando de lado sua função básica de ser, para o leitor, um instrumento por meio do qual ele possa conhecer, em sua complexidade, a realidade em que está inserido. Ao pasteurizar os modos de produção da matéria e a linguagem, o jornalismo informativo perderia a capacidade de oferecer ao leitor a contextualização necessária para que ele vivencie a experiência dos acontecimentos – mesmo que não os tenha vivido de fato. Vicchiatti (2005) cita a premissa da atualidade (um dos critérios de noticiabilidade) e a rigidez da linguagem como fatores de mecanização do jornalismo:

Outra lição primária consiste em formatar os acontecimentos em estruturas rígidas de relatos, obedecendo a uma fórmula fria, em que tudo é acondicionado nos elementos 'o que', 'quem', 'quando', 'onde', 'como' e, às vezes, 'por que' e 'para que'. É o que se considera 'jornalismo mecânico', ou seja, simplesmente informativo, sem contextualizar o leitor, o ouvinte, o telespectador. Notícia de forma fragmentada, respondendo à fria fórmula explicitada anteriormente. Não há preocupação em buscar uma redação esteticamente bem elaborada, contextualizada (VICCHIATTI, 2005, p. 25).

Ao partir para uma apuração aprofundada, marcada pela observação, imersão e sensibilidade, Eliane Brum rompe com a mecanização do jornalismo padronizado, colocando em prática as premissas do jornalismo literário. E se permite transpor as amarras impostas à linguagem, lançando mão de recursos que enriquecem esteticamente seus textos, despertando interesse nos leitores. Entretanto, o uso de recursos literários não afasta a autora do cerne do jornalismo: reportar o real. Ao contrário, tal escolha de linguagem e estilo valoriza as histórias reais e contribui para que o jornalismo reencontre seu papel social, conforme defende Vicchiatti (2005, p. 85): “[...] libertando-se das amarras do texto tecnicista e mecanicista, o jornalista dará colorido à narração jornalística, utilizando-se da literatura, da visão humanística, da estética. Porém, verá que continuará informando, com o mesmo profissionalismo, mas, acima de tudo, com humanismo”.

3 Travessão: um recurso de estilo

Para entender a importância da presença do travessão na linguagem da jornalista Eliane Brum é necessário conhecer suas indicações formais de uso. O travessão é um sinal de pontuação, definido por Cegalla (2005, p. 433) como “um traço maior que o hífen”. Tal como os demais sinais de pontuação, ele é fundamental para suprir, na língua escrita, a carência de recursos rítmicos e melódicos, abundantes na língua falada, conforme explicam Cunha e Cintra (2008). Como sinal melódico, está inserido no grupo que inclui os dois pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, entre outros sinais cuja “função essencial é marcar a melodia, a entonação” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 657). Dos usos indicados para o travessão, marcar a mudança de inter-

locutor é unânime entre os gramáticos pesquisados. Cegalla (2005, p. 433) faz a seguinte observação, seguida de um exemplo: “usa-se nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início da fala de um personagem: ‘– Você é daqui mesmo? Perguntei. – Sou, sim senhor, respondeu o garoto.’”

Ao referir-se à pontuação no texto, Bechara (2009) observa que a solidariedade sintática e semântica existente entre as palavras que constituem a unidade textual é garantida pelos sinais de pontuação. Ele sublinha que a pontuação sintática e comunicativa, na qual se insere o travessão, confere ao texto “algo mais de expressividade, contorno melódico, rítmico e entonacional” (BECHARA, 2009, p. 605). Os travessões, que indicam uma pausa inconclusa conforme o autor, podem ser usados em lugar de vírgulas, parênteses ou colchetes para sinalizar uma expressão intercalada.

Noah Lukeman (2011) afirma que o travessão é um sinal de pontuação que cumpre a função de intervir, de sinalizar um aparte. Segundo ele, ao lado dos parênteses, os travessões realçam as informações que introduzem e são empregados quando se fazem digressões ou quando se apresentam elucidações ou explicações. Para o autor, esse é, talvez, o sinal de pontuação mais agressivo, pois surge de repente, chamando a atenção para o conteúdo que isola. Nas palavras do autor, “é um recurso notável, belo, capaz de acentuar a criatividade. E, além disso, é importante para registrar certas formas de diálogo” (LUKEMAN, 2011, p. 95).

Em consonância com a afirmação de Bechara (2009) de que os travessões sinalizam uma pausa inconclusa, Lukeman esclarece que os apartes marcados por travessões têm uma relação estreita com a ideia central da frase, de modo que não poderiam funcionar como frases independentes. Ele observa que, se a digressão ou o aparte for incisivo ou dramático, é recomendável que o enunciador se valha dos travessões. Se a intenção é dar relevo a alguma informação ou pôr holofotes em algum aspecto que não pode passar despercebido, Lukeman sugere o uso dos travessões.

Na produção de Eliane Brum, podemos perceber a inserção de diálogos marcados pelo travessão, um recurso pouco utilizado em matérias regidas pelos padrões do jornalismo informativo, como as notícias de jornais diários (impressos ou veiculados na internet). Buscando oferecer ao leitor um texto mais rico e valendo-se de um recurso da narrativa literária, Brum reconstrói parte da história dos personagens pelo diálogo. O trecho a seguir pertence à reportagem *O sobrevivente*, que narra a história de um jovem favelado, um dos protagonistas do documentário *Falcão – Meninos do tráfico*:

Começa então o jogo. São várias crianças. Parecem ter entre sete e dez anos. Começam oferecendo o produto da “firma”:

– Pó de dez, pó de dez, vem cheirar, essa é da boa.

Depois brincam de subornar a polícia.

– Tu fala⁵ pra aquele tenente lá, daquele batalhão lá, que nós vai furar (*balear*) eles mesmo. Só 3 mil do arrego (*suborno*). Se quiser mais que isso, pode mandar entrar na favela que nós vai metê bala neles.

O passo seguinte é a descoberta de um X-9 (*delator*).

(Continua)

⁵ Nesta reportagem, a jornalista opta por manter a transcrição da fala dos personagens o mais próxima possível da oralidade, a fim de levar ao leitor as características desses, também um recurso de estilo.

- Entreguei vocês – diz um menino, voz excitada.
- Bota fogo nele, meu, cadê os pneus?
- Não, pelo amor de Deus – grita o que faz papel de X-9.
- Vamos desovar (*livrar-se do corpo*) aqui mesmo. Embora, mano (BRUM, 2008, p. 192, grifos da autora).

Percebe-se, embora não se conheça os personagens da reportagem, que o uso do travessão deixa clara a mudança de interlocutores no diálogo. O uso do diálogo com travessões não é recorrente no noticiário diário, por exemplo, porém cabe bem na reportagem, uma vez que, aqui, utilizar aspas em vez do travessão poderia deixar o texto menos claro, já que os personagens não são identificados para o leitor (a repórter descreve essa e outras cenas com o objetivo de ambientar o leitor, mas não entrevista estes meninos). Ainda assim, transcrever a fala dos garotos durante a brincadeira permite que o leitor tenha acesso a diversos elementos (modo de falar, lugar de fala, construção de imaginário, entre outros) característicos do contexto que cerca os personagens da reportagem. Brum também usa, em alguns casos, o travessão combinado com aspas para destacar um trecho da fala do interlocutor, como neste parágrafo também de *O sobrevivente*⁶:

Serginho Fortalece repete o bordão das periferias: “Essa vida do crime só acaba em cadeia, cadeira de rodas ou cemitério”. Ele está vivo porque, dos três destinos, ficou com o primeiro. “Graças a Deus”. Foi preso em 2004 e condenado a cinco anos e quatro meses. “Rodei num 157 (*artigo do Código Penal referente a roubo*). Eu e mais um amigo tinha⁷ ido na praia. Tava voltando, ele viu um playboyzinho saindo do shopping com celular e carteira. Quando ele guindou o cara, eu peguei o celular e a carteira, mas a polícia já tava lá”. A avó morreu – “de tristeza” – uma semana depois da prisão do neto preferido (BRUM, 2008, p. 189, grifo da autora).

Nesse excerto, chama atenção o fato de a autora sinalizar as quatro ocorrências de discurso direto por meio de aspas. Na quarta ocorrência, porém, as aspas são usadas no meio dos travessões duplos, pois a expressão “de tristeza” não representa a voz da jornalista, embora esse aparte esteja rompendo uma frase apresentada em discurso indireto. O uso do travessão combinado com as aspas realça a fala do personagem. A colocação do travessão se justifica pela importância de revelar ao leitor o motivo da morte da avó. Colocando a expressão entre aspas, ela ganha ainda mais força: fica claro que a fala é do mesmo personagem que acabara de contar sobre o roubo. A autora poderia ter optado por não inserir os travessões na frase, o que resultaria na seguinte sentença: “A avó morreu de tristeza uma semana depois da prisão do neto preferido”. A frase, porém, apesar de clara, perderia sua força dramática dentro do texto.

Brum demonstra uma preocupação com o sentido do texto ao fazer uso recorrente do travessão para isolar e enfatizar palavras ou orações, função prevista por Cegalla (2005). O trecho abaixo faz parte da reportagem *O homem-estatística*, matéria que revela as dificuldades da busca por emprego no Brasil:

⁶ As aspas duplas foram conservadas neste depoimento.

⁷ Também aqui Brum opta por manter a transcrição da fala do entrevistado o mais próximo possível da oralidade.

O Brasil urbano e metropolitano, consumidor de marcas e valores, não chafurda no mangue de Josué de Castro nem peregrina pela terra calcinada de João Cabral de Melo Neto. Tropeça em ruas de asfalto que a literatura e o cinema recém começam a pressentir, fascinados ainda pelo que há de clássico – e brutalmente imutável – no brasileiro miserável, nutrido de vermes e descalço de sapatos e letras do Nordeste sertanejo [...] (BRUM, 2008, p. 136).

Nesse fragmento, ao falar do sertanejo nordestino, a repórter o descreve como “miserável, nutrido de vermes e descalço de sapatos e letras”. É pertinente chamar a atenção para a linguagem utilizada pela autora, cheia de conotações, como “descalço de sapatos e letras” (desprovido de letras, isto é, analfabeto). A expressão adjetivadora entre travessões (“e brutalmente imutável”) soma-se ao adjetivo “clássico”, mas é essa qualificação negativa que a jornalista põe em relevo. “Dirigindo os refletores” para essa expressão, ela destaca também o advérbio “brutalmente” que modifica o adjetivo “imutável”. A autora, portanto, manifesta sua concepção de mundo e, ao inscrever-se em seu texto, ela age sobre o leitor, sensibilizando-o para o problema apontado, o que resulta numa prática jornalística humanizada.

Outra reportagem escrita por Brum que também tem como marca o uso do travessão a fim de realçar expressões e conferir dramaticidade ao texto é a intitulada *O Povo do Meio*. A matéria diz respeito à sobrevivência de um povo, denominado Povo do Meio, na região da Terra do Meio, localizada no centro do Pará.

“O Povo do Meio é um dos últimos de sua estirpe, ceifada junto com a floresta. O isolamento – e o abandono – construiu nos confins do Brasil a extravagância de uma cultura sem imagem que ainda persiste no século XXI” (BRUM, 2008, p. 171).

Na reportagem mencionada, a jornalista revela aspectos do modo de vida do Povo do Meio, acrescentando informações de forma sutil. No trecho acima, o uso dos travessões reforça a ideia de abandono daquele povo. Caso a frase tivesse sido escrita sem os travessões, ainda assim teria sentido (com os ajustes na concordância do verbo “construir”), porém as palavras “isolamento” e “abandono” – que possuem gradações diferentes no que se refere à gravidade do problema enfrentado pelo Povo do Meio – seriam colocadas no mesmo nível de intensidade. Inserindo “abandono” entre travessões, a autora destaca essa palavra, que se sobressai na oração, denotando uma escolha focada na produção de sentido. O mesmo ocorre no seguinte trecho, da mesma reportagem, destacando-se, no entanto, que a informação acrescentada posiciona-se no final da frase:

“Todo o imaginário é costurado de ouvido. As cenas são formadas a partir de fragmentos da Rádio Nacional da Amazônia, o único contato com o Brasil. É assim que reinventam as jogadas de futebol a partir dos lances escutados – e jamais vistos” (BRUM, 2008, p. 172).

Nesse excerto, a jornalista atribui um realce novamente a uma expressão precedida do conectivo “e”. Nesse caso, o conectivo expressa uma relação de contraste ou de oposição (= “mas jamais vistos”). Sintaticamente, não seria necessário o emprego do travessão, pois o conectivo “e” encadeia termos coordenados entre si: “escutados” com “jamais vistos”. Mas, semanticamente, o efeito não seria o mesmo sem o travessão, uma vez que “jamais vistos”, característica posta sob holofotes, ratifica a afirmação inicial “Todo o imaginário é costurado de ouvido”.

Na seguinte frase da reportagem *O homem-estatística*, observa-se o uso de travessões duplos cuja função é intercalar uma expressão concessiva. Sintaticamente, essa expressão inserida no texto poderia ser isolada por vírgulas, mas, devido a sua relevância na argumentação desenvolvida pela autora, esse termo – estruturalmente acessório – ganha destaque no plano discursivo.

“Corrigir o nome - ainda que na lista dos caloteiros - era tudo o que podia fazer para continuar presa⁸ aos fios da honestidade que a mantinham em pé” (BRUM, 2008, p. 142).

Aqui, a opção da autora em usar duplo travessão em lugar de vírgulas interfere também no sentido do texto. Observa-se, nesse caso, um relevo atribuído à concessão, que, na orientação argumentativa do texto, constituiria o argumento mais fraco. Ao isolar por meio de travessões essa concessão, a jornalista dá um lugar de destaque a esse obstáculo que poderia ter impedido a concretização de um fato: a correção do nome.

Há, ainda, o uso do travessão com o objetivo de “separar expressões ou frases explicativas, intercaladas” (CEGALLA, 2005, p. 433). Lukeman (2011) menciona, nesse caso, a função elucidativa dos travessões, recurso que contribui para conferir maior clareza ao enunciado. Esse uso é recorrente no material jornalístico produzido por Eliane Brum e, em alguns casos, poderia ser substituído por outros sinais de pontuação, como a vírgula, os dois pontos ou os parênteses – o que não surtiria, porém, os mesmos efeitos de sentido. Este trecho de *O povo do meio* exemplifica o uso do travessão no lugar de dois pontos:

O Povo do Meio está jurado de morte. Só o empreiteiro Cecílio do Rego Almeida, um dos poucos rostos conhecidos, disputa na Justiça uma área que pode chegar a 7 milhões de hectares – um território com o tamanho da Holanda e da Bélgica somadas. Se conseguir, vai obrigar todo o Povo do Meio a abandonar suas terras (BRUM, 2008, p. 161).

A expressão vinda depois do travessão explícita, para o leitor, o tamanho da área de 7 milhões de hectares, tornando a informação mais acessível. Com o acréscimo desse aposto precedido de travessão, a jornalista enfatiza a grande extensão da área disputada na Justiça por um dos empreiteiros, de modo que deixa transparecer seu juízo de valor negativo frente a essa situação. O uso de dois pontos nessa sentença, embora satisfatório para a produção de sentido, implicaria uma mudança de ritmo: a explicação apresentada teria menos realce. Bechara destaca a melodia e o ritmo como pontos fundamentais para o entendimento do texto:

O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica (BECHARA, 2009, p. 606).

⁸ A frase refere-se à esposa do personagem principal.

Vejamos mais dois exemplos do uso do travessão para inserir expressões explicativas, nas matérias de Brum:

Na fronteira nordeste, cuja porta é Altamira, a invasão avança em ritmo apressado. É a noroeste, à beira de um igarapé chamado Riozinho do Anfrísio, que vive a população de Raimundos – cada casa a horas, até dias, de canoa de distância uma da outra (BRUM, 2008, p. 163).

A rotina das favelas invadiu os lares da “pista” – nome dado pelos favelados do Rio de Janeiro aos que vivem no Brasil de lá, na cidade. E invadiu pela tela da TV Globo, líder de audiência, em horário nobre, na noite de domingo, logo depois do jantar (BRUM, 2008, p. 188, grifo da autora).

No primeiro segmento textual acima, também retirado de *O Povo do Meio*, a expressão explicativa “cada casa a horas, até dias, de canoa de distância uma da outra” funciona como um adendo que é fundamental para a produção de sentidos no texto. A informação apresentada após o travessão elucida ao leitor que os habitantes da comunidade de Riozinho do Anfrísio vivem praticamente isolados, devido às distâncias e à dificuldade de locomoção. Cabe esclarecer que, quando a autora escreve “a população de Raimundos”, ela faz uma alusão ao fato de, na Terra do Meio, grande parte da população masculina ter o nome Raimundo.

No segundo excerto acima, pertencente à reportagem *O sobrevivente*, o aposto “nome dado pelos favelados do Rio de Janeiro aos que vivem no Brasil de lá, na cidade” tem uma função metalinguística, pois elucida um termo usado anteriormente. Cabe destacar que o substantivo “pista” é usado entre aspas pela jornalista por ser um termo usado por outro enunciador – os favelados do Rio de Janeiro. Ao usar o travessão para isolar o aposto, a autora confere um realce a essa explicação, que apresenta a visão dos favelados em relação aos que vivem em melhores condições e, dessa forma, focaliza o contraste social existente.

Já, neste trecho, ainda extraído de *O sobrevivente*, o travessão indica uma explicação por antagonismo:

Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, o Serginho Fortalece, permaneceu invisível por 21 anos. Emergiu há uma semana como único sobrevivente do documentário 'Falcão – Meninos do tráfico'. Único vivo num grupo de dezessete, ele se tornou visível porque contrariou as estatísticas. A regra para adolescentes como ele é morrer – e não viver (BRUM, 2008, p. 187).

No fragmento apresentado, a oração “e não viver” coordena-se à oração anterior (“morrer”), constituindo uma antítese, pois os verbos “morrer” e “viver” são antônimos. Cabe observar que a repórter poderia ter concluído a frase em “morrer”, mas o aparte apresentado após o travessão é fundamental para o sentido que deseja promover. Ao negar que a regra para adolescentes como Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, um dos meninos do tráfico, é viver, e colocando isso em relevo por meio de travessão, a autora inscreve, no texto, seu posicionamento: o de que a realidade que está sendo negada – a vida dos adolescentes – é que deveria sobrepor-se à realidade que ela constata: a morte dos adolescentes envolvidos no tráfico.

Pelos exemplos citados, pode-se afirmar que Eliane Brum busca, em sua produção jornalística, uma linguagem própria para atingir determinados efeitos de sentido.

Apresenta, assim, um texto profundo, que se destaca por sua qualidade estética. E isso é possível graças ao seu conhecimento aprofundado da língua, entre outras ferramentas, conforme defende Vicchiatti (2005, p. 84): “A qualidade do texto e a capacidade de atrair e manter leitores dependem, na maioria das vezes, das ferramentas de que dispõe o profissional que o escreve. A literatura é a base da formação cultural do jornalista e da qualificação do texto por ele elaborado”. Os recursos narrativos característicos da literatura, por exemplo, uma das tantas ferramentas usadas por Brum, ajudam a jornalista a criar um estilo próprio de escrita e, assim, cativar e fidelizar leitores.

4 Considerações finais

Ao se apropriar de uma linguagem próxima à da literatura, incentivada e embasada pelo jornalismo literário, a jornalista Eliane Brum lança mão de alguns recursos (figuras de linguagem, técnicas narrativas e recursos de pontuação) pouco recorrentes no jornalismo padrão, aquele consolidado como referência entre os profissionais da área. Fugindo dessa padronização da linguagem, Brum consegue imprimir maior qualidade estética em seus textos. Ela se apropria do discurso, rompendo os limites impostos àqueles que praticam um jornalismo pasteurizado. Nem por isso, deixa de informar o leitor, pelo contrário. Vicchiatti explica que a união da literatura com o jornalismo torna o texto informativo mais humano:

O jornalista, mesmo com a obrigatoriedade de manter-se fiel aos fatos, vai-se permitindo avanços lentos, mas preciosos, em direção à utilização de elementos da literatura. Dos *textos frios*, apenas tecnicamente corretos, os profissionais de imprensa partem em busca de maior identificação com o leitor, recheando informações com histórias de vida, trazendo emoção e sentimentos para revelar o colorido dos fatos cotidianos.

Descobrem, então, que nem por isso os textos perdem a característica de narrativa jornalística. Pelo contrário, respeitam as regras básicas e conceituais e ainda veem somadas qualidade e vivacidade a seus trabalhos. Ao buscarem um *modelo* diferente, esses jornalistas transgressores alcançam um texto mais humano e menos *frio* (VICCHIATTI, 2005, p. 85, grifo do autor).

O uso dos travessões nos textos da jornalista Eliane Brum analisados neste artigo é um dos recursos que confere humanização ao material jornalístico produzido pela repórter. Fazendo intervenções por meio de travessões, a jornalista interrompe o fluxo da frase, direcionando os refletores sobre partes do texto que, apresentados sem o uso de travessões, não provocariam os mesmos efeitos de sentido. Foram analisados textos distintos, cujos temas diferem entre si. O estilo da repórter, porém, mantém-se perceptível nas matérias, independentemente do tema abordado. Valendo-se de travessões, a autora inscreve-se em seu discurso, trazendo apartes que funcionam como reflexões, elucidações e explicações, mediante as quais ela partilha com o interlocutor suas experiências e sua visão de mundo. Dessa forma, ela produz um jornalismo mais humano.

A linguagem usada por Brum demonstra também uma preocupação com a melodia do texto. Nesse sentido, os travessões são um recurso rico para conferir à escrita a entonação e o ritmo, presentes de forma abundante na oralidade. Seus usos variados têm diferentes objetivos, conforme explicado no decorrer do artigo, porém se comple-

mentam ao caracterizarem a escrita da autora. Assim, Brum rompe com a linguagem pasteurizada adotada pelo jornalismo padrão (informativo), sem deixar de apresentar os elementos fundamentais do texto jornalístico – informação, exatidão e compromisso com o real –, usando seu estilo de escrita para enriquecer a experiência do leitor, com quem partilha suas experiências e seus pontos de vista.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo Literário - Conceitos*. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

LUKEMAN, Noah. *A arte da pontuação*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paulus, 2005.